



UM ESTUDO DA EMBLEMÁTICA MADALENA EM SÃO BERNARDO, DE GRACILIANO RAMOS

A STUDY OF THE EMBLEMATIC MAGDALENE IN SÃO BERNARDO, OF GRACILIANO RAMOS

Raimunda Célia Costa Teixeira Araújo ¹
Olívia Aparecida Silva ²

Resumo: O presente trabalho, de cunho acadêmico, é uma reflexão sobre a representação da figura feminina de Madalena na vida de Paulo Honório, ambos personagens da obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, bem como seu relevante protagonismo exercido na frustrada tentativa de tornar o esposo Paulo mais humano. Discute ainda sobre as relações de poder e suas consequências no bojo de uma sociedade aniquilada pela inautenticidade das relações humanas e sociais. Para este intento, teóricos como Antônio Candido, Afrânio Coutinho, Carlos Nelson Coutinho, entre outros, darão sustentação histórico-crítica às discussões em questão, a fim de explicitar as razões que levaram o escritor Graciliano Ramos a criar personagens tão intrigantes.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Madalena. Paulo Honório. Emblema. Autenticidade e Humanismo.

Abstract: This work, academic nature, is a reflection on the representation of the female figure of Magdalene in the life of Paul Honorious, both characters work *São Bernardo*, by Graciliano Ramos, as well as its important role played in the failed attempt to make her husband Paul more human. Also discusses about the relations of power and its consequences in the midst of a society destroyed by the inauthenticity of human and social relations. For this purpose, theorists such as Antonio Candido, Afrânio Coutinho, Carlos Nelson Coutinho, among others, will give historical-critical support to the discussions in question, in order to explain the reasons that led the writer Graciliano Ramos to emerge as intriguing characters.

Keywords: Brazilian literature. Paulo Honório. Madalena. Emblem. Authenticity and Humanism.

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) E-mail: celiac.t@hotmail.com

² Doutora em Literatura (UnB). Mestre em Letras (UFC). Pós-graduação em Lato Sensu em Processos Educacionais Inovadores. Graduada em Letras (UECE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9334745203861061>. E-mail: olivia.as@unitins.br



Introdução

Graciliano Ramos, escritor de *São Bernardo* pertencente à segunda geração modernista, destaca-se entre os mais expressivos escritores da literatura brasileira. Conforme a crítica, dentre outros fatores, o que o torna autêntico na representação que faz da realidade é o seu estilo. Não apenas pela forma de escrever os romances, mas pela maestria com que adentra no universo do humano e na problemática do homem.

Concernente à escrita, é sério e sisudo, privilegiando em seus romances a objetividade ao retratar a realidade, extraíndo dela apenas o que é primordial à análise, mostrando-se pouco afeito ao lirismo carregado de exagero emocional comum na literatura que antecede o Modernismo.

Dessa maneira, o escritor alagoano elimina tudo o que não é essencial na análise de seus personagens e no mundo no qual estão inseridos. Como afirma Otto Carpeaux:

“É muito metucioso. Quer eliminar tudo o que não é essencial: as descrições pitorescas, o lugar-comum das frases-feitas, a eloquência tendenciosa. Seria capaz de eliminar ainda páginas inteiras, eliminar o romance inteiro, eliminar o próprio mundo” (CARPEAUX, 1978, p.28).

Para essa concepção de escrita, o escritor parte da observação e experimentação à participação ao compor seus tipos humanos. Para Ramos, além da experiência como condição para a escrita, também é preciso aliar a vivência pessoal e a posição do escritor frente às transformações ocorridas na sociedade, mudanças as quais permitiram visualizar a aparente solidez da sociedade de então e as possibilidades de renovação. Para tanto, o escritor não só exerceu cargos públicos como também se posicionou fielmente face aos problemas de seu tempo, como Coutinho analisa

“Esta passagem da observação à participação, ao que nos parece é o aspecto pessoal – socialmente determinado – do processo que conduz Graciliano do naturalismo pessimista ao realismo crítico e humanista” (COUTINHO, 1978, p. 85).

No que tange ao foco narrativo, observa-se que o escritor dá preferência para a primeira pessoa, ou seja, apresenta os fatos narrados através da confissão de um personagem, no caso de *São Bernardo*, Paulo Honório.

O presente trabalho discutirá sobre as relações humanas no romance *São Bernardo* de Graciliano Ramos, publicado em 1934, considerada uma das obras primas do autor, com destaque para a conturbada relação de Paulo Honório e Madalena, ambos de personalidade forte e contrastantes. Enquanto ele, embrutecido pela vida, torna-se um homem ambicioso, capitalista, cruel, desumano e principalmente egoísta; ela é sensível, protetora e extremamente humana. Esse antagonismo percebido já nos primeiros contatos entre Paulo Honório e Madalena mais ainda se fortalece após o casamento, momento em que o narrador presencia o lado humano da esposa. Nesse ínterim, este trabalho refletirá sobre a representação da figura feminina de Madalena na vida de Paulo Honório, bem como seu relevante protagonismo exercido na frustrada tentativa de torná-lo mais humano. Discutirá, ainda, sobre as relações de poder e suas consequências no bojo de uma sociedade aniquilada pela inautenticidade das relações humanas e sociais e compreender a importância das forças reveladoras, em Madalena, responsáveis pela humanização do indivíduo, enquanto reação às forças que o oprimem, comprometendo a harmonia das relações. Além disso, avaliar como a recusa à reificação levou-a ao abandono da própria vida. Para este intento, teóricos como Antonio Candido, Carlos Nelson Coutinho, entre outros, darão sustentação histórico-crítica às discussões em questão, a fim de explicitar as razões que levaram o escritor Graciliano Ramos a construir personagens tão intrigantes.

No entrechoque da relação, Paulo quer vencer Madalena e desse embate, posteriormente, resultará sua mais completa solidão e decadência. Decadência do espaço tão almejado por ele, a fazenda São Bernardo, e decadência do próprio narrador já que, aqui ocorre o despertar da inutilidade de tudo que ambicionou. Esse comportamento é bem explicitado por Novaes Coelho

Assim, os problemas de todas as personagens de Graciliano Ramos são os problemas humanos de ontem, hoje e sempre, ligados fundamentalmente à sobrevivência do Homem em Sociedade e ao seu eterno desejo de suplantar o Próximo, em qualquer que seja o setor. A paradoxal situação do homem, animal social: a vida em sociedade convidando à comunhão, à comunicação, porém ao mesmo tempo, engendrando a luta. Luta pelo poder, pelo domínio, pela riqueza, pelo amor. Luta em que o fraco é esmagado pelo mais forte (COELHO, 1978, p. 62).

Logo, Paulo é tomado pelo ciúme de ver que os seus ideais não comungam com os de Madalena e ambos têm um final trágico, pois lutam solitariamente e não conseguem a realização pessoal. Depois de uma vida destruída pelo ciúme e tomada pela angústia, Madalena comete suicídio. Após a morte da professora, a vida de Paulo Honório entra em um contínuo processo de degradação, como a perda gradativa dos funcionários da fazenda e a decadência econômica. Tais fatos fazem Paulo refletir sobre a sua arrogância, a ganância e a ambição que cultivou durante toda a sua vida. O contraste de personalidades entre os protagonistas ensejará o conflito desencadeador da tomada de consciência das ações do narrador personagem, Paulo Honório, culminando com a própria redenção e derrota. Não obstante, trará à tona a percepção de que o poder e o enriquecimento de nada servem se inexistente uma autêntica vivência dos valores humanos entre os indivíduos.

Para realização da presente análise, pleiteia-se o acaloramento das discussões nesse sentido, ancorando-as em articulistas e/ou teóricos do gênero para compreensão de dois temas centrais: as forças alienadoras contra as forças humanizadoras. *São Bernardo* é uma obra relevante na literatura que discute questões ligadas à experiência humana. Espera-se que este trabalho possa contribuir para a percepção de que o sujeito se constitui a partir de suas relações com o outro, através da linguagem, pois ela é o espaço da intersubjetividade, do embate e do encontro de um homem com o outro e consigo mesmo, por isso residem nela conflitos e contradições.

Paulo Honório e seu mundo

São Bernardo é um romance que desvenda aspectos da condição social do homem inserido em um meio onde, muitas vezes, esse indivíduo se vê impelido a entregar-se a um pseudo-mundo, ou seja, a um mundo inebriado pelas agruras do sistema econômico selvagem. É a luta do homem contra o próprio homem. No caso da narrativa, é a luta de Paulo Honório contra uma vida que o embruteceu, exteriorizando nele o desejo de crescer financeiramente, transformando tudo e a todos em objetos de seu poder.

No contexto da narrativa, o ambiente retratado é o rural, das oligarquias, onde as personagens vivem em meio a um marasmo, num cotidiano simples, tratam-se como compadres, o chicote é ainda uma forma de punição primitivista, há o trabalho servil e animalizado de Casimiro Lopes: “é corajoso, laça, rasteja, tem faro de cão e fidelidade de cão”. Em *São Bernardo* eventos de vida patriarcal contrastam-se com o mundo moderno solidificado pelo capitalismo pujante e imbricações – os modos de produção, a força dominante (o empregador) x o empregado (a força dominada), enfim o sentimento de propriedade típicos da burguesia. É nesse contexto que adentra Paulo Honório trazendo o mundo do movimento, o capitalismo x marxismo, teoria da qual Graciliano era adepto - modificando toda uma paisagem trazendo energia, ação/ transformação, e modernidade, desestabilizando esse espaço quase bucólico, como afirma no posfácio de *São Bernardo*, Lafetá,

Paulo Honório representa o elemento novo, que chega trazendo estradas, máquinas, eletricidade, apuradas técnicas de pecuária e agricultura, impõe-se e domina. Traz a força de tempos novos que surgem, vencendo a inércia e quebrando os obstáculos. Pernas contra automóveis (LAFETÁ, 2001, p.202).

Ele representa esse novo homem, mesmo que às avessas, pouco adepto à vida urbana. Em contrapartida, seu desejo de conseguir o herdeiro, denota em Paulo o caráter patriarcal. A partir desse homem de propriedade, seu desejo é a prosperidade da fazenda São Bernardo através de sua modernização. Seu enriquecimento será por meio do trabalho e de práticas ilícitas, por exemplo, a ponto de armar uma emboscada e matar o Mendonça. Carlos Nelson Coutinho explicita que

O caráter excepcional de Paulo Honório, entre outras coisas, se expressa na complexa integração dos valores feudais e dos valores capitalistas que formam a sua personalidade. Movido por uma sede de lucro e de domínio que é própria do capitalista, Paulo Honório é – no essencial – um burguês típico, mas permanecem em sua mentalidade certos aspectos feudais, como, por exemplo, o seu apego à vida rural (COUTINHO, 1978, p.88).

Paulo Honório é um homem reificado na medida em que desvia o valor dos seres, principalmente o humano, para encará-lo como coisa e coisa possuída. Os funcionários da fazenda têm o seu valor medido pelo que produzem. Ao referir-se a velhice de Caetano Paulo alega que não vale o que ganha, pois não produz o suficiente: “Põe a alavanca numa pedra e chama os cavouqueiros para deslocá-la. Não vale os seis mil réis que recebia” (2001, p.67).

Todavia, mesmo sagaz, rude, objetivo e principalmente mercenário/capitalista em suas atitudes, a sua pujança campesina o impede de ir mais além, conforme sua ambição.

Lafetá explicita o processo da reificação

A reificação é um fenômeno primeiramente econômico: os bens deixam de ser encarados como valores-de-uso e passam a ser vistos como valores-de-troca e portanto como mercadorias. Mas sabemos que a consciência humana se forma no contato com a realidade, na atividade transformadora do mundo, que é produção de bens. Assim, as características do modo de produção infiltram-se na consciência que o homem tem do mundo, condicionando seu modo de ver e compondo-lhe, portanto, a personalidade. A reificação abrange então toda a existência deixa de ser apenas uma componente das forças econômicas e penetra na vida privada dos indivíduos (LAFETÁ, 2001, p. 210).

A desenfreada corrida pelo poder ocasiona esse desajuste no comportamento humano, próprio do sistema capitalista o qual enseja a ambição e o egoísmo no indivíduo em querer e possuir sempre mais. O aspecto qualitativo do ser é substituído pelo quantitativo, perdendo-se a consciência da importância dos elementos vivos. Em *São Bernardo*, percebe-se claramente a pujança desse sistema esmagador meio que irmanado a uma autocracia explícita, pois Paulo Honório é autoritário, todos o temem, não há obstáculos para ele, sua palavra é lei. Quem não é proprietário e vive à mercê deste, não é visto como pessoa, pois não tem valor, é subjugado pelo poder. É a lei do “vale quanto pesa”.

A princípio, seus planos convergem para o lado da apropriação de coisas como a fazenda, a ampliação desta através da cerca do Mendonça. Depois segue a manipulação voltada para os negócios nos quais sempre obtém sucesso, depois a apropriação de pessoas, como a mulher, tema que será refletido mais adiante. Ainda em seu posfácio reflete Lafetá: “Seu desenvolvido sentimento de propriedade leva-o a considerar todos que o cercam como coisas que se manipula à vontade e se possui”(2001,p.209).

No plano ficcional, *São Bernardo* significa redenção ante as intempéries provocadas na vida do próprio narrador-personagem. Para entender os rumos de sua vida, escreve suas reminiscências numa espécie de desabafo, através de seu livro, aliás, o livro o faz voltar para si e sua primeira atitude é iniciá-lo pela divisão do trabalho intimando João Nogueira, Pe. Silvestre, Azevedo Gondim, Arquimedes. Exultante, traça os planos e já imagina ganhar dinheiro com a venda do livro, no entanto, desiste; seus colaboradores não agem conforme o esperado, resolvendo ele

próprio dar conta da escrita. É interessante notar a rapidez com que acontecem os fatos narrados, bem ao modo de Paulo Honório: surgem os obstáculos e são resolvidos numa pressa marcada pelas frases curtas e capítulos também sintéticos. A ação e a temporalidade curtas imprimem à narrativa precisão, dirigida pelo narrador Paulo Honório no intuito de compreender a própria vida.

Ascensão e posse de São Bernardo

Objetivamente, nos primeiros capítulos do romance, o leitor conhece o protagonista e sua pretensão – contar sua história - o que são e o que fazem os demais personagens. O narrador os apresenta sempre com *secura*, pois Paulo Honório não é afeito à gentileza. Na verdade, os personagens são marionetes nas mãos de Paulo, pois eles nunca têm voz livre a não ser a incisiva do impositivo narrador. Os personagens vão entrando na narrativa (ou saindo dela), de acordo com o interesse e vontade do narrador – o que enfatiza o seu individualismo. Apresenta-se que tem cinquenta anos e que não conhecera os pais, mas fora criado por Margarida. Quando a menciona, seu jeito tosco sem nenhum afeto ressalta seu valor em números, coisificando-a: “A velha Margarida mora aqui em S. Bernardo, numa casinha limpa, e ninguém a incomoda. Custa-me dez mil réis por semana quantia suficiente para compensar o bocado que me deu.” (RAMOS, 2001, p. 11).

O narrador segue conciso em sua narrativa, destacando os fatos mais relevantes de sua vida de menino à idade adulta, enfatizando, por exemplo, sua “bravura” no embate com João Fagundes, no caso da Germana, fato este que ele narra com rapidez como se quisesse dar conta apenas do acontecimento, por isso não detalha, menos ainda sente remorsos por suas atitudes. Não interessa ser avaliado em suas ações pelo outro, mas por si mesmo, por isso narra muitos fatos superficialmente. Ele sabe o que interessa expor em seu relato-livro. Entre negócios simpatizantes pelas partes interessadas, entre outros à revelia o narrador consegue sempre o que almeja, pois implementa estratégias diversas forçando o outro a obedecer-lhe, como o caso do Dr. Sampaio na venda de uma boiada: “_Que justiça! Não há justiça nem há religião. O que há é que o senhor vai espichar aqui trinta contos e mais os juros de seis meses. Ou paga ou mando sangrá-lo devagarinho” (RAMOS, 2001, p. 13).

Após observar em Padilha a fragilidade financeira e o comodismo, vê a chance de realizar seu intento maior: a apropriação da fazenda S. Bernardo. Com a mesma rapidez ele narra a posse tão avassaladora, impiedosa, arrancando a fazenda sem pensar na dor do outro, apenas em sua ambição. Aqui ele usa o tempo para marcar a rapidez com que venceu Padilha “no vencimento da primeira letra” ... “a última letra se venceu num dia de inverno” Padilha reluta, faz apelações alegando não ter condições para pagar-lhe, mas não encontra condescendência do cobrador. O narrador é sarcástico ao contrapor a realidade de Padilha na passagem grifada.

_Isso são maneiras Padilha? Olhe que as letras venceram. _
Mas se não tenho! Hei de furta? Não posso, está acabado.
_Acabado o quê, seu sem-vergonha! Agora é que vai começar.
Tomo-lhe tudo, seu cachorro, deixo-o de camisa e ceroula.
_ ‘O presidente honorário perpétuo do Grêmio Literário e Recreativo assustou-se’ (RAMOS, 2001, p.22) grifo meu.

E trava-se verdadeiro combate na negociação do preço da fazenda sendo liquidada pelo preço almejado pelo narrador. A próxima empreitada, a cerca do Mendonça, é vitória certa como também é certa a solução de todos os empecilhos que vão aparecendo.

O capitalismo poderia, sem romantismos, harmonizar as relações possibilitando ao homem exercer verdadeira democracia na busca de um mundo mais sólido no que tange aos ideais de igualdade, liberdade e fraternidade (comuns na Europa), porém encontrou uma realidade despreparada, desorganizada nesse sentido, típica dos países coloniais, aliada a uma burguesia que se ligou às antigas classes dominantes, comprova-se isto em Coutinho:

“O capitalismo brasileiro ao invés de promover uma transformação social revolucionária – contribuiu, em muitos casos, para acentuar o isolamento e a solidão, a restrição dos

homens ao pequeno mundo de uma mesquinha vida privada” (COUTINHO, 1978, p. 76).

O período tempestuoso é vencido e percebe-se que a narrativa se abranda, novamente. Em seu relato sua vida é condensada até o ponto chave de sua introspecção. O tempo tem um salto de cinco anos no capítulo oito. Observa-se que o ritmo acelerado e o uso de construções frasais curtas são substituídos pelo prolongamento maior nas descrições, nas reflexões e nas atitudes do narrador com mais diálogos em cenas mais detalhadas. A construção da escola vista, claro, como outro negócio rentável politicamente, motiva a procura por um professor. Ironicamente, é Padilha o escolhido para a função que de proprietário da fazenda passa a empregado, é a nova realidade que se impõe como em seu Ribeiro que não conseguiu acompanhar os novos tempos e que se contrasta com o narrador

Ação transformadora, velocidade enérgica e posse total. Três características e três ideais da burguesia. O herói de S. Bernardo os possui em alto grau e os imprime a fundo na tessitura da narrativa. A objetividade do romance nasce da postura do narrador face ao mundo: ele nada problematiza, de nada duvida, em ponto algum vacila. Tudo o que importa é possuir e dirigir o mundo. Para tanto, ele conhece os meios” (LAFETÁ, 2001, p. 203)

Esses meios o narrador utiliza com proficiência e são alcançados pela autoridade adquirida através do seu modo de lidar com os que o rodeiam: a brutalidade, a perspicácia em atingir o ponto fraco do Outro. Em decorrência disso, ele sempre se sobrepõe face ao que lhe parece empecilho.

Madalena: ternura versus brutalidade

O romance *São Bernardo* no nível discursivo apresenta várias dicotomias, como capitalismo versus socialismo; individualismo versus coletividade; impulsividade versus racionalismo. Embora o contexto retratado seja o Nordeste com suas peculiaridades, suas temáticas são universais. É antes o problema do homem frente a uma dada realidade que o torna indigno como pessoa humana; em suma, é a questão do bem na luta contra o que corrompe o homem: o egoísmo.

Já se mencionou o contraste existente entre uma personalidade pautada pela brutalidade e pelo uso da força e outra pautada pela delicadeza e sensibilidade: Paulo Honório e Madalena, personagens principais. Madalena representa a sua classe, a coletividade, a que se recusa à inautenticidade, enquanto o esposo é a individualidade, a cisma do outro.

Salienta-se aqui a escolha de Paulo Honório por Madalena ter-se dado devido à condição de mulher instruída, boa educação, amorosa e pensa que unindo às ‘qualidades’ dele, nasceriam rebentos com uma ‘boa’ genética.

Ao pensar em constituir família, convenção social, pensa-se que finalmente o narrador é movido por um sentimento nobre – o amor – ainda assim o casamento é também um negócio. É um grande proprietário, de terra, de coisas, de bicho e agora de gente. A mulher não será diferente, então precisa casar para estar de acordo com os padrões sociais: constituir uma família; entretanto, o principal motivador é o herdeiro para prosseguir com o adquirido em verdadeiros embates com a vida,

Amanheci um dia pensando em casar. Foi uma idéia que me veio sem que nenhum rabo-de-saia a provocasse. Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar. A que eu conhecia era Rosa do Marciano, muito ordinária. Havia conhecido também a Germana e outras dessa laia. Por elas eu julgava todas. Não me sentia, pois, inclinado para nenhuma: o que sentia era desejo de preparar um herdeiro para as terras de São Bernardo (RAMOS, 2001, p.57).

No nível da consciência do personagem, a mulher representará mais uma de suas aquisições, no nível da composição significa mudança de rumo na vida de Paulo Honório – o surgimento de Madalena. Ele pensa em algumas mulheres de seu círculo as quais poderia desposar, mas sem idealizar nenhuma, já que as experiências no campo afetivo eram tímidas: “tentei fantasiar uma criatura alta, sadia, com trinta anos, cabelos pretos – mas parei aí” e vê seu interesse por Madalena. Interessante apontar aqui como muda o tom de voz ao se referir a Madalena com fascínio “A loura tinha a cabecinha inclinada e as mãozinhas cruzadas, lindas mãos, linda cabeça.” (Ramos, 2001, p.65)

Agora a estrutura narrativa se modifica; antes cada situação era resolvida e solucionada independente uma da outra. A partir do capítulo doze, o foco é em Madalena e a esse foco tudo se converge, ela é o destaque.

Paulo Honório propõe casamento. Ela pede um tempo para se conhecerem melhor, alegando não haver amor; entretanto, ele, como homem prático, veloz, encarando mais como um negócio do que propriamente amor entre ambos, já que para o narrador isso é descartável, afirma que não há necessidade e conclui: “se o casal for bom, os filhos saem bons, se for ruim, os filhos não prestam. A vontade dos pais não tira nem põe. Conheço o meu manual de zootecnia” (RAMOS, 2001, p.87). Percebe-se o cunho naturalista na visão do narrador – o homem é determinado pelo ambiente – teoria determinista. “A senhora, pelo que mostra e pelas informações que peguei, é sisuda, econômica, sabe onde tem as vendas e pode dar uma boa mãe de família” (RAMOS, 1984, p.89). Mais uma vez sai vitorioso. Casa-se apaixonado. É a ação (enredo) e personagem sobrepujando os demais seres que compõem a narrativa. Observa-se que até aqui nada foi obstáculo ao narrador.

Igualmente importante no relato, ao qual conferiu dinamismo e objetividade é a marcação do tempo, todas as ações pareciam cronometradas: a rapidez com que passou da condição de miséria à de homem bem sucedido; a posse da fazenda, tudo com muita subtração de fatos os quais não considerava importantes, mais uma vez a depuração dos fatos na construção narrativa “(...) extraio dos acontecimentos algumas parcelas; o resto é bagaço” (RAMOS, 2001, p. 43) até a posse da mulher.

Porém, toda essa energia que movimenta o personagem pode encontrar nesgas de estagnação. O seu mundo não é ilimitado, uma vez que o narrador possui resquícios do mundo feudal, ao se estabelecer na vida rural, a fazenda. Lafetá explicita:

O dínamo não pode existir indefinidamente. Mais do que uma esperança, sua destruição é uma possibilidade concreta e próxima. Seu mecanismo sujeita-se ao desgaste e ao esgotamento, suas possibilidades de gerar transformação têm um limite. As peças que o compõem não são totalmente harmônicas, no seu corpo acham-se instaladas contradições que podem a qualquer instante emperrá-lo e tirar-lhe o governo do mundo (LAFETÁ, 2001, p. 209).

Entretanto, não esperava que aquela a quem desposara, “*miudinha e fraquinha*”, oposto de d. Marcela, filha de ilustre advogado, o Dr. Magalhães, fosse a que iria abalar sua estrutura de homem inabalável. Ela estava ali para dar-lhe o herdeiro, mesmo que pertencessem a mundos diferentes: ele, agricultor, fazendeiro; ela, professora primária, e semelhante à tia, amorosa, mantinha uma relação amistosa com os habitantes daquele espaço. Este fato desencadeou um enorme ciúme em Paulo, que passou a ter um desejo de posse pela esposa assim como tinha pelas terras de sua fazenda. Candido afirma que:

O patriarca à busca de herdeiro termina apaixonado, casando por amor; e o amor, em vez de dar a demão final na luta pelos bens, se revela, de início, incompatível com eles. Para adaptar-se, teria sido necessária a Paulo Honório uma reeducação afetiva impossível à sua mentalidade, formada e deformada (CANDIDO, 2006, p. 36).

Após o casamento, apoiada pela tia, Madalena começa a discordar da rotina da fazenda e atitudes do marido ao presenciar eventos de injustiças, crueldade e toda sorte de intempéries,

como o desajuste no trato com as pessoas, caso da família de mestre Caetano. Ela relata ao marido sobre o que presenciou, ouvindo deste que aquele não rendia mais, e, como em todo processo econômico, a preocupação com a produção é notória. Exemplifica-se isto com a passagem sobre o baixo ordenado de seu Ribeiro, “Ora, gaitas! Berrei. Até a senhora d. Glória? Meta-se com os romances. Madalena empalideceu.” (2001, p. 99). Madalena é a oposição a Honório, por isso não se cala ante as injustiças. Seus valores chocam-se aos do esposo meramente capitalistas que formam sua personalidade.

A bondade humanitária de Madalena ameaça a hierarquia fundamental da propriedade e a couraça moral com que foi possível obtê-la. O conflito se instala em Paulo Honório, que reage contra a dissolução sutil da sua dureza (CANDIDO, 2006, p.37).

E processam os embates entre aquele que converge suas ações rumo ao lucro e à apropriação de quaisquer naturezas em detrimento daquela cuja generosidade e humanismo possui acentuadamente.

O marido tenta dissuadi-la de seus valores humanísticos e mostrar-lhe que vivemos numa concorrência em que vencemos ou somos vencidos pelo outro. E a relação para ele avança tranquila por um tempo até virem novas incongruências, resultantes da oposição entre eles.

Conforme declarei, Madalena possuía um excelente coração. Descobri nela manifestações de ternura que me sensibilizaram. E, como sabem, não sou homem de sensibilidades. É certo que tenho experimentado mudanças nestes dois últimos anos. Mas isto passa
As amabilidades de Madalena surpreenderam-me. Esmola grande. Percebi depois que eram vestígios de bondade que havia nela para todos os viventes. Paciência. Eu não devia esperar nem esses sobejos – e o que viesse era lucro. Vivemos algum tempo muito bem (RAMOS, 2001, p.104).

A ação do romance segue tensa. Paulo Honório irrita-se por Madalena não submeter-se aos seus comandos. Agora tudo escapa ao seu controle aumentando mais ainda o ressentimento pela mulher, ocasionando as discussões. O ciúme provocado antes pela perda do controle de sua situação de Senhor é agora provocado por não conseguir dominar a mulher.

Madalena engravida e é tratada com mais cuidados. A certa altura Madalena conta sua história, como fora criada e as dificuldades enfrentadas pela tia nessa situação, na tentativa de mostrar que formar uma pessoa na totalidade requer mais empenho, porém gratificante e humanizador que organizar uma fazenda. A seu turno, Paulo Honório baseando-se em sua experiência de vida, discorda. Nunca havia momentos em que as discussões seguissem retas, diretamente proporcionais, eram inversas sempre. Outros problemas para Paulo Honório surgem. A cada passo que dá na fazenda, debate-se com algo feito por Madalena na tentativa de reverter aquilo que ela não considerava justo nem correto, vindo as discussões. A todas as intempéries a culpa era a atribuída a Madalena, taxada de comunista, materialista. Agora tudo eram conspirações, mesmo que em seu íntimo ela não tivesse culpa. Aliás, quando não se pensa no lado individual, mas têm-se um vislumbre social das necessidades humanas, é rotulado de comunista.

Em Paulo Honório, o sentimento de propriedade, mais do que simples instinto de posse, é uma disposição total do espírito, uma atitude geral diante das coisas. Por isso engloba todo o seu modo de ser, colorindo as próprias relações afetivas. Colorindo e deformando. Uma personalidade forte, nucleada por paixão duradoura - avareza, paternidade, ambição, crueldade -, tende a extremar-se, em detrimento do equilíbrio do espírito (CANDIDO, 2006, p. 39).

A tensão não se arrefece, pois sempre busca Madalena e remete ao Padilha a postura socialista da esposa. Para ele, a relação deveria ser como os animais, apenas o simplório, sem admoestações com os negócios, próprios dos homens. Avista a mulher conversando com o Nogueira e faz digressões sobre si. Essa desconfiança de Paulo Honório também afeta a forma como ele mesmo se via no mundo, pois a partir das “traições”, ele passa a sofrer de crises de autoestima

Confio em mim. Mas exagerei os olhos bonitos do Nogueira, a roupa bem-feita, a voz insinuante. Pensei nos meus oitenta e nove quilos, neste rosto vermelho de sobranceiras espessas. Cruzei descontente as mãos enormes, cabeludas, endurecidas em muitos anos de lavoura. Misturei tudo ao materialismo e ao comunismo de Madalena – e comecei a sentir ciúmes (RAMOS, 2001,p.133)

O motivo do casamento agora parece não fazer sentido, pois Paulo não consegue ter Madalena que se recusa à reificação, emperrando o dínamo de sua vida. Nem mesmo o tão sonhado herdeiro, motivador do casamento chama sua atenção, pois não há envolvimento com o filho tão querido (sentido de querer). Atém-se a ele somente motivado pelo ciúme. Ocorrem novamente especulações sobre a fidelidade da mãe, para imputar-lhe a culpa, justificar suas angústias. Examina-o

Afastava-me, lento ia ver o pequeno, que engatinhava pelos quartos, às quedas, abandonado. Acocorava-me e examinava-o. Era magro. Tinha os cabelos louros, como os da mãe. Olhos agateados. Os meus são escuros. Nariz chato. De ordinário as crianças têm o nariz chato. Interrompia o exame, indeciso: não havia sinais meus; também não havia os de outro homem (RAMOS, 1984, p.135)

O sentimento de propriedade é tão forte, que o ciúme é apenas uma variante, porém estabelece a concorrência. Se antes o ciúme era causado pelo desinteresse nos negócios, agora é provocado pela suspeita de infidelidade, o qual de possibilidade passa a ser encarado como concreto. Os amigos representam os possíveis suspeitos. “O que me faltava era uma prova: entrar no quarto de supetão e vê-la na cama com outro.” (2001, p.139) Percebe-se que o narrador em seu desespero ante a certeza, pelo menos consigo, da infidelidade da esposa, já não tem sossego, respirando infidelidade em tudo que vê. Inclusive num papel endereçado a Gondim. Furioso, ele trava verdadeira batalha para conseguir ler o escrito, mas Madalena não se entrega, recebendo nomes agora como galinha, cachorra.

Uma noite o narrador ouve ruídos. Novamente alude isso aos amantes em redor da casa. Atira assustando os moradores. Madalena questiona, soluçando. “São os seus parceiros que andam rondando a casa. Qualquer dia fica um diabo estirado.” (2001, p. 154). O esposo ouvia o que não havia – a porta, o telhado, a fechadura, e o que havia – pio de corujas – em tudo havia ruídos. A atenção voltava-se para as pancadas no relógio. O tempo volta a acentuar ainda mais as tensões no narrador, a mesma tensão marcada quando da aquisição da fazenda com Padilha e o cronometrado no desenlace do casamento. “Nove horas no relógio da sacristia/Nem sei quanto tempo estive ali em pé/ À medida, porém, que as horas se passavam, sentia-me caído num estado de perplexidade e o covardia.” (Ramos, 2001, p. 162). O tempo agora é implacável com o narrador. Ele sente o mundo desmoronando, quando antes parecia que o poderoso Paulo o controlava.

Madalena: figura emblemática

Madalena casa-se com Paulo Honório cheia de esperança, em relação à nova vida, com o homem que a cortejava. Era a possibilidade de realizar-se humanamente. Aos poucos conhecendo-o, vê suas ilusões desmoronando-se ante à realidade que ela não consegue adaptar-se, nem mudá-la. Paulo é um homem ganancioso e insensível. Todavia, após o casamento suaviza-se esse comportamento. Paulo Honório financeiramente está realizado, mas o ciúme do humanismo

da esposa é o empecilho e o responsável pelo desfecho. Madalena busca um sentido para a vida na fraternidade e na solidariedade com os seus semelhantes e não o encontra naquele a quem se unira. Ambos veem o amor contraditoriamente: enquanto em Paulo Honório é uma questão pragmática, para Madalena é uma questão lírica – é o velho e sempre novo amor.

O ápice da desconfiança se dá numa das caminhadas pela fazenda. Paulo Honório encontra uma folha de papel trazida pelo vento. Reconhece que é de Madalena. Lê, relê o que está claro e o que está rabiscado. Então faz suposições sempre para o lado da infidelidade. Supondo aquilo a prova para o pecado da esposa. É seu jeito “agreste” de impor-se sobre os acontecimentos, no caso até das conjecturas. “Sim, senhor! Carta a um homem”. Interroga Madalena na porta da capela e a leva para dentro. Madalena permanece calma ouvindo a inquisição sobre a carta. O marido irrita-se ainda mais. Ela continua passiva como se houvesse cansado daquelas acusações, quando o que ela queria mesmo era viver em paz, ele, porém, pensa em matá-la. “Para que deixar viva mulher tão cheia de culpa? Quando ela morresse, eu lhe perdoaria os pecados.” (2001, p.162)

Agora, o diálogo entre eles é mais ameno, o esposo, angustiado; entretanto Madalena calmamente lê o pedaço de papel informando que o outro está em sua mesa. Vicente Vanderlei ratifica a oposição relativa a imposição em Paulo, conforme se lê: “A oposição mundo letrado x mundo iletrado ganha força neste momento, pois o caráter “agreste” de Paulo Honório trata de impor-se sobre as letras, no intuito, mais uma vez, de justificar suas ações.” Ao perguntar a quem era endereçado o papel, ela apenas responde “Você verá. Está em cima da banca. Não é caso para barulho. Você verá.” (VICENTE, 2008, p.07). Em seguida ela diz: “Você me perdoa os desgostos que lhe dei Paulo?” (2001, p.163) a conversa flui agora com Madalena mencionando cada um dos freqüentadores da casa, e pedindo que ele os visse diferentemente. Paulo Honório sugere uma viagem, mas percebe que a mulher devaneia. Meia-noite ela se levanta e despede-se com um adeus. Madalena se suicida.

Sobre a banca de Madalena estava o envelope de que ela me havia falado. Abri-o. Era uma carta extensa em que se despedia de mim. Li-a, saltando pedaços e naturalmente compreendendo pela metade, porque topava a cada passo aqueles palavrões que a minha ignorância evita. Faltava uma página: exatamente a que eu trazia na carteira, entre faturas de cimento e orações contra maleitas que a Rosa anos atrás me havia oferecido (RAMOS, 2001, p.169).

Paulo Honório sente remorsos pela morte da esposa. Mesmo rude, pragmático, capitalista, existia ao menos um pouco de sensibilidade naquele homem tão duro. Pode-se perceber em alguns momentos da narrativa: na descoberta e vinda da velha Margarida, quando se apaixona por Madalena, mesmo d. Glória quando decide partir. Se nada o provocasse ou significasse obstáculo para encolerizar-se, via-se um pouco de sentimentos bons, como explica Candido.

O seu caso é dramático porque há fissuras de sensibilidade que a vida não conseguiu tapar, e por elas penetra uma ternura engasgada e insuficiente, incompatível com a dureza em que se encouraçou. Daí a angústia desse homem de propriedade, cujos sentimentos eram relativamente bons quando escapavam à tirania dela, e que descobre em si mesmo estranhas sementes de moleza e lirismo, que é preciso abafar a todo custo (CANDIDO, 2006, p. 40).

São Bernardo transforma-se numa fazenda abandonada e tudo desmorona. “O mundo que me cercava ia-se tornando um horrível estrupício. E o outro, o grande, era uma balbúrdia, uma confusão dos demônios, estrupício muito maior” (Ramos, 2001, p. 177). A narrativa toma outro rumo. O Paulo Honório de herói destemido agora é um homem destruído na alma, engolido pela própria ambição.

Em dado momento ele afirma ter boa saúde, que poderia recomeçar, mas está vencido pela mesquinhez do espírito “Cinquenta anos perdidos, cinquenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros.” (2001, p. 184). Não vê mais sentido. O extremo egoísmo e

o ciúme obstruíram a capacidade de enxergar Madalena. Agora ele a vê, foi preciso o suicídio da esposa para que ele a visse e compreendesse sua maneira de viver. A busca desmedida pelo poder e pelo capital atrapalha sua vida com Madalena, e desencadeia a escrita do livro numa forma de rememorar e compreender o tempo da escrita. Ali verifica que os autênticos valores vivenciados por Madalena, vinham de encontro aos seus. “Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os bons propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo” (RAMOS, 2001, p. 187).

Alega que a vida o transformou nesse homem duro e brutal. Ele não aceita sua mísera condição anterior e se movimenta no sentido de ascender quebrando regras e códigos éticos. “É a luta de todos contra todos pelo lucro e pela riqueza pessoal, destruindo a solidariedade e a fraternidade” (Coutinho, 1978, p.77).

Reitera-se aqui que Paulo Honório é um homem capitalista e está dentro desse sistema agindo de acordo com esse sistema, suas atitudes foram movidas pela sede de lucro e de domínio, portanto ele não poderia compreender a esposa porque em sua mente deformada não havia lugar para ver o outro em sua humanidade.

Madalena, na verdade, após o casamento, morre aos poucos a cada desconfiança de Honório que passa a vê-la como inimiga, isto é, por não comungar com os seus interesses. O que há de semelhante entre eles é a força para lutar por uma causa. São lutadores solitários: ela luta por um mundo autêntico onde os valores humanos sejam vividos e respeitados na essência do ser; ele, por sua vez, fechado em seu ‘pequeno mundo’, luta em prol do domínio e do lucro, ainda que através do personagem vê-se representada uma realidade capitalista inautêntica, no qual foi elaborado, reduzindo-o a uma vida mesquinha e miserável.

Paulo Honório luta durante uma vida para vencer, para afirmar-se como Homem e homem poderoso e aparentemente vence nessa luta, mas termina só, porque já era um homem solitário em seu desejo de poder. A esposa seria para Honório a possibilidade de sair desse mundo solitário, através de sua humanização, do rompimento com o pequeno mundo solitário e egoísta do esposo no qual se encontra enclausurado. Poderia ter-se envolvido e evoluído com a ternura e amabilidade existentes em Madalena, porém seu espírito mesquinho o afastou. Todavia, Paulo Honório mesmo perturbado, em seu íntimo, sente que não poderia ser de outro jeito, é o seu destino inevitável “Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos... Para que enganar-me? Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente como aconteceu. Não consigo modificar-me, é o que mais me aflige” (2001, p.188)

A narrativa do livro por um “eu protagonista” o leva a distanciar-se no tempo para recapitular sua vida analisando os momentos de sua evolução no plano do enunciado, viu-se como ele foi construído. No plano da enunciação (da escrita) ele afirma não poder mudar, porque ele é esse homem constituído do desejo de suplantar o outro. A fazenda é o próprio Paulo Honório que passa por cima de tudo para consegui-la. No reverso do movimento, ele constrói destruindo coisas e pessoas, para com essa construção destruir a si mesmo. O mundo construído com tanto vigor, tanto ímpeto, está destruído e Paulo Honório se evade de seu ‘eu’ compreendendo a inutilidade de uma vida regada pelo “*demonismo*” da propriedade, e reflete pensosamente sua solidão. “É horrível! Se aparecesse alguém!... estão todos dormindo. Se ao menos a criança chorasse... nem sequer tenho amizade a meu filho. Que miséria! Casimiro Lopes está dormindo. Marciano está dormindo.” (2001, p. 191)

Sua evolução como homem próspero dependia de atitudes que o tornassem reconhecido e respeitado, e, para ele, conforme iniciara sua vida, internaliza que a crueldade também é uma forma de angariar esse respeito. Agora o leme de sua vida está emperrado, paralisado pela derrota vitoriosa de Madalena, vitoriosa porque ela não se deixou mudar, não se alienou ao mundo reificado de Paulo Honório. Ele recorre à memória numa tentativa de reordenação da vida, para compreendê-la, porém o caos já se estabeleceu.

Considerações Finais

São Bernardo é uma das obras que se mais se destacou na literatura brasileira por penetrar

profundamente na problemática humana: a representação do desejo de posse, de suplantar o outro com vistas à ascensão econômica e social. Isso porque se concebeu na sociedade que para fazer parte 'dela' um dos pressupostos é o quesito financeiro. Esse comportamento geralmente implica a existência cada vez mais forte da estratificação adensando as desigualdades, pois são poucos os que conseguem chegar ao topo. Essa concepção de poder impede o desenvolvimento da harmonia nas relações humanas.

No que se refere à narrativa, outro aspecto importante é a percepção de que sua construção permeia o rigor estético, o escritor explora uma variedade de sentidos de modo incisivo e direto as conseqüências advindas da relação de poder como a ganância, o ciúme e a degradação do ser humano.

Paulo Honório corporifica a ascensão e decadência transitando do trágico para o irônico, ou seja, luta para vencer, conseguindo ascender-se e termina ironicamente derrotado pela ambição e pelo ciúme. Madalena resultaria em sua escapatória do destino trágico se conseguisse evadir-se de seu 'pequeno mundo', porém a desconfiança, o desejo de vencer o outro o impediu de enxergar o seu semelhante.

Quando Madalena se compadece dos mais fracos, mostrando generosidade e compaixão, sentimentos incompreensíveis a Paulo Honório, este fica atônito, pois não deveria exercer esse tipo de sentimento àqueles que não são vistos como pessoas, no entender do marido. Ele não consegue alcançar esse nível de compreensão e sensibilidade de vida humana, porque a vida não lhe proporcionou isso. Apenas compreende com a morte de Madalena. Impossível progresso numa relação vivida apenas por um lado neutralizando o outro, como um objeto inanimado, apenas para compor mais uma peça na engrenagem da fazenda. Onde existe o "eu" em detrimento do "nós" a vida está fadada à dissolução.

Paulo Honório não se une a Madalena, tornando suas vidas impossíveis. Ela, resistindo uma vida sem os preceitos que lhe asseguram a dignidade, fraternidade, solidariedade e a generosidade, se entrega à morte. Com isto, ele se conscientiza de sua condição de homem 'perdido', e parte para a busca da autenticidade através de seu relato e escreve. Representativa da sua classe média urbana que tinha como ideal um humanismo sincero, porém, impossibilitada de pôr em prática esse ideal, Madalena escolhe morrer. É o exemplo do herói negativo que evade do mundo de negações, ou seja, nega a negação de uma vida digna e autêntica, pois não há um caminho possível de construção.

Ela recusa uma vida inautêntica, ou ainda, recusa o conluio com o mundo alienado de Honório, porque não se afeiçoa a uma vida na qual os falsos valores se misturam com os valores legítimos, desorientando o homem.

Por isso, Madalena é o emblema complexo na vida de Paulo Honório. Não houve vencedores, no entanto, a esposa contribuiu para a busca verdadeira do sentido da vida; a procura dos reais valores que deveriam reger as relações humanas, dentre eles, o amor.

Referências

BRAYNER, Sônia. **Graciliano Ramos: fortuna crítica 2**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CANDIDO, Antônio. **Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro, 2006.

CARPEAUX, Otto Maria. . **Graciliano Ramos**. In: BRAYNER, Sonia. *Fortuna Crítica 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

COELHO, Nelly Novaes. **Graciliano Ramos**. In: BRAYNER, Sonia. *Fortuna Crítica 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Graciliano Ramos**. In: BRAYNER, Sonia. *Fortuna Crítica 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LAFETÁ, João Luiz. **O mundo à revelia**. In: Graciliano Ramos, São Bernardo. Rio de Janeiro: Record, 2001.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VICENTE, Vanderlei da Silva. A união Paulo e Madalena em São Bernardo: além de um manual de zootecnia. In: **Dossiê: oralidade, memória e escrita**. Eletrônica. vol. 4. n. 2. s/p. Porto alegre, 2008.

Recebido em 13 de novembro 2022.

Aceito em 12 de janeiro de 2023.